

Berta Gleizer Ribeiro: conciliando o saber e o fazer

Berta Gleizer Ribeiro: reconciling knowledge and action

MARIA ELIZABETH BRÊA MONTEIRO

RESUMO

Berta Gleizer Ribeiro abriu trilhas do conhecimento, realizando pesquisas entre diversas etnias indígenas no Brasil, elaborando instrumentos para os estudos de cultura material e dedicando sua capacidade de trabalho e sua militância à defesa dos povos tradicionais. Seu legado é um testemunho da importância da presença das mulheres no campo das ciências, em particular das Ciências Sociais. Comemorar os 100 anos de Berta significa comemorar o papel pioneiro e inovador das mulheres nos diferentes campos das ciências.

Palavras-chave: Berta Gleizer Ribeiro; mulheres na ciência; etnias indígenas.

ABSTRACT

Berta Gleizer Ribeiro paved the way for knowledge, conducting researches among indigenous ethnic groups in Brazil, developing instruments for studying material culture, and dedicating her work capacity and activism to defending traditional peoples. Her legacy is a testament to the importance of women's presence in the field of science, particularly in the social sciences. Celebrating Berta's 100th birthday means celebrating the pioneering and innovative role of women in the different fields of science.

Key words: Berta Gleizer Ribeiro; women in science; indigenous ethnicities.

INTRODUÇÃO

Comemorar o centenário de Berta Gleizer Ribeiro traz à tona temas importantes no campo da antropologia, da ciência e da política no Brasil. O presente artigo procura fazer um percurso de sua vida como antropóloga e como uma mulher engajada politicamente, que trouxe para o debate contribuições originais para os estudos da antropologia. Identificada com alguma frequência como uma auxiliar de Darcy Ribeiro, com quem esteve casada por três décadas, este artigo desvela uma mulher que, ao viver períodos totalitários no Brasil e fora do país, fez de sua vida pessoal e de seu trabalho meios de defesa dos direitos indígenas, da diversidade cultural e da liberdade de expressão.

MULHERES EM CAMPO

Impossível falar de Berta sem fazer referência à questão da presença feminina no campo da antropologia. A atividade científica se instituiu historicamente enquanto um território com predomínio masculino, que se expressa tanto em termos quantitativos, quanto na distribuição de poder e de prestígio nas hierarquias das organizações e disciplinas científicas. Apesar de a participação das mulheres na construção do pensamento científico ser tão antiga quanto o princípio da ciência, uma invisibilidade repousa, ou insiste em repousar, sobre a trajetória, a produção e os registros desses trabalhos.

Em paralelo a essa invisibilidade das mulheres na produção de ciência, muitas pesquisas também têm iluminado o menor número de arquivos de mulheres nas instituições de memória, o que reforça a desigualdade de oportunidades que tem marcado a sociedade brasileira, responsável por reservar mais e melhores lugares para os homens, embora haja sinais de mudança nessa situação.

A baixa representatividade de arquivos de mulheres também espelha as políticas de aquisição de acervo nas instituições, que naturalmente priorizam titulares masculinos que tiveram desempenho destacado nos seus respectivos campos de atuação. Essa desatenção corrobora a reprodução dessa invisibilidade. Se pensarmos que tais espaços estão inseridos nas dinâmicas de poder, produzindo hierarquias e definindo condições de acesso às fontes históricas, fica claro que é preciso assumir uma postura crítica com relação à disparidade entre homens e mulheres nos acervos institucionais.

Todavia, a despeito da tentativa de apagamento ou de embaçamento da presença feminina, a análise de fontes e documentos históricos com uma visão atenta às questões de

gênero tem revelado cada vez mais a participação de mulheres em diferentes âmbitos sociais, incluindo-se aí as práticas científicas. Essas fontes, que evidenciam transformações sociais e práticas científicas ocorridas ao longo do século XX, revelam uma significativa participação feminina que pode ser notada, por exemplo, no número considerável de expedicionárias viajando sozinhas pelo Brasil e no aparecimento de mulheres acompanhando seus maridos como assistentes. Podemos citar Heloisa Alberto Torres, Bertha Lutz, Marina São Paulo de Vasconcellos, Ruth Landes, Wanda Ranke, Etta Becker Donner, Fernande Dina Dreyfus, entre outras.

O “resgate” dessas figuras femininas vem contribuindo com a desconstrução de ideias tradicionais que consideram as ciências como uma prática exclusivamente masculina, com a valorização das atividades realizadas pelas mulheres, reconhecimento de sua participação na produção de conhecimento e com a incorporação do elemento feminino à história das ciências, reconstruindo passos importantes da história da humanidade em busca de um conhecimento mais inclusivo e mais justo em relação à experiência humana. Em artigo sobre expedições empreendidas por mulheres cientistas, Mariana Sombrio (2022) investiga, com base na documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil – CFE, suas trajetórias e áreas de interesse, entre outros aspectos.

Contudo, muitas vezes, ao adotarem os nomes de seus maridos, essas mulheres desaparecem ou tornam muito difícil localizá-las nos arquivos ou outros locais de memória. Mariza Corrêa (1995, p.114) chama a atenção que ao serem renomeadas, “essas mulheres se tornam então esposas, e passam a ser assim também consideradas pelos outros”. É delegado a essas mulheres um papel suplementar, acessório e auxiliar.

BERTA: UMA ANTROPÓLOGA MÚLTIPLA

Berta Gleizer Ribeiro, de alguma forma, não foge a essa condição, tendo sido reconhecida, com frequência, como o braço auxiliar do antropólogo Darcy Ribeiro, com quem foi casada por três décadas.¹

Nascida a 2 de outubro de 1924, em Beltz, província da Bessarábia, Romênia, Berta chegou ao Brasil em 1933, em um contexto político e econômico adverso, acompanhada de

¹ Em seu livro póstumo *Confissões* (Editora Companhia das Letras, 2012), Darcy Ribeiro dedica um capítulo a Berta. Ver <https://fundar.org.br/bertha-gleizer/>

seu pai, Motel Gleizer, atuante líder sindical, e sua irmã Jenny. Seus primeiros anos no país foram marcados pela perda de seu pai e a deportação de sua irmã pelo governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Amparada pela comunidade judaica e pelo Partido Comunista, formou-se, em 1942, na Escola de Comércio Álvares Penteado, em São Paulo, como guarda-livros².

Berta conheceu e casou-se com Darcy na década de 1940, com quem fez sua primeira viagem de campo, em 1948, aos Kadiwéu no sul do Mato Grosso. De alguma forma, podemos dizer que tem início, assim, sua vida profissional. No prefácio do livro *Os índios das águas pretas*, Berta faz a seguinte declaração: “Aprendi antropologia — além da formação universitária — com Darcy Ribeiro na viagem de oito meses, feita em 1948, aos índios Kadiwéu e por ter datilografado os seus manuscritos de 1948 a 1974.” (Ribeiro 1995, p. 14)

Concluiu em 1953 o curso de Geografia e História na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal e, no ano seguinte, era estagiária da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional.

Em carta dirigida ao antropólogo Herbert Baldus, datada de 21 de abril de 1955, Berta menciona ter iniciado há um ano, por sugestão de Darcy, estudo das coleções de plumária no Museu Nacional e a descrição do ponto de vista ergológico e tecnológico das coleções Urubu, Karajá e Munduruku.

No Museu Nacional há coleções representativas da plumária daqueles três grupos e mais dos seguintes: – Arara, Apiaká, que, juntamente com a plumária Munduruku formam um importante conjunto Tupi na área Tapajóz-Madeira, com algumas influências recíprocas; tribos do Uaupés, Rio Branco e Rio Negro, representando a plumária dos grupos da guiana brasileira; lamentavelmente, estas coleções, receberam visitas de, no máximo, alguns dias, manifestando para com estes visitantes um evidente sentimento de insatisfação depois de entregues os brindes e concluído, o que para eles deve ser uma visita de brancos.

Uma pesquisa etnológica pressupõe convívio prolongado e intimidade de relações, difíceis de alcançar-se, atualmente com os Xavantes.

Por outro lado, temos grupos como os Kraho, Xerente, onde uma estada de alguns meses, tendo como base os estudos de Nimuendajú, seria muito mais proveitosa. Eles constituiriam, ainda, um excelente preparo para o estudo dos Xavante, a realizar-se mais tarde (Coelho & Monteiro, 2022, p. 242-243).

² O decreto nº 8.191 de 20/11/1945 mudou a denominação Guarda-Livros para Técnico em Contabilidade.

Aos Urubu Kaapor, segunda pesquisa de fôlego que Darcy realizou, Berta não foi. Mas, de certa forma, ela esteve presente nessa expedição. Sua “presença/ausência” está registrada no livro *Diários Índios* em que Darcy faz suas anotações de campo na forma de cartas dedicadas a Berta dizendo ser a maior carta que alguém já poderia ter escrito.

Berta, abro este diário com seu nome. Dia a dia escreverei o que me suceder, sentindo que falo com você. Ponha sua mão na minha mão e venha comigo. Vamos percorrer mil quilômetros de picadas pela floresta, visitando as aldeias índias que nos esperam, para conviver com eles, vê-los viver, aprender com eles. (Ribeiro, 1996, p. 21)

Essa viagem “a dois” aos Kaapor ensejou, mais tarde, a elaboração do belíssimo livro *Arte plumária Urubu Kaapor* (Ribeiro, Darcy; Ribeiro, Berta Gleizer, 1957). Tem início, assim, uma longa trajetória profissional documentada no seu arquivo que se encontra no Memorial Darcy Ribeiro³. A documentação acumulada por Berta Gleizer Ribeiro compõe-se de documentos textuais e iconográficos, material audiovisual e sonoro com gravações feitas durante seus trabalhos de campo. Mas cabe dizer que a atuação de Berta não se encerra nesse conjunto documental produzido e, de alguma forma, organizado por ela. Berta é também fartamente identificada no acervo de Darcy Ribeiro, que também se encontra nesse Memorial. Essa presença atuante é identificada, por exemplo, na correspondência de Darcy com diversos pesquisadores e intelectuais do Brasil e estrangeiros. Uma parte dessas cartas foi reunida em dois livros: um trazendo a correspondência com Angel Rama (Coelho; Rocca, 2015), escritor, crítico literário uruguaio e responsável pela criação da Biblioteca Ayacucho em 1974, uma das mais importantes iniciativas no campo editorial sobre a cultura latino-americana e caribenha; outro foi a publicação das cartas com Herbert Baldus (Coelho & Monteiro, 2022), professor da USP, diretor do Museu Paulista de Etnologia e mentor de Darcy nos primeiros anos de sua formação acadêmica e profissional. Em ambos os livros percebe-se Berta como interlocutora acerca de assuntos variados. É de se notar que na correspondência com Baldus, Berta se torna mais presente à medida que Darcy assume cargos no primeiro escalão do governo de João Goulart.

A pesquisadora Ellen Vogas, em artigo intitulado “Berta Gleizer Ribeiro: da militância ao afeto, o percurso de uma antropóloga” (2014), registra que, ao nos debruçarmos sobre a documentação Darcy e Berta, se constata a intensa atividade profissional e as redes de relações estabelecidas com diversos intelectuais, amigos do casal,

³ O Memorial Darcy Ribeiro, também conhecido como Beijódromo, está situado no campus da Universidade de Brasília. Inaugurado em 6 de dezembro de 2010, o Memorial Darcy Ribeiro abriga o acervo arquivístico e a biblioteca de Darcy e Berta Ribeiro.

que Berta, por seu lado, acabou por cativar, e aqueles feitos por ela mesma ao longo de sua trajetória. A correspondência de Berta, por exemplo, é muito extensa e permite analisar as redes de colaboração mantidas com diversos parceiros, em particular durante o exílio.

Os acervos custodiados no Memorial Darcy Ribeiro são, portanto, dois acervos constituídos por dois intelectuais que, a partir de um determinado momento, desenvolveram trajetórias profissionais e pessoais independentes. Todavia, é inviável entender esses acervos a não ser por meio da percepção de que ambos se comunicam e dialogam entre si, refletindo não apenas a produção cultural e científica de seus titulares, mas também as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e as representações de um contexto latino-americano.

Além de ratificar a importância e o seu legado para os estudos do artesanato e da etnologia dos povos indígenas, cabe destacar a originalidade e o engajamento dessa pesquisadora disciplinada e com uma capacidade invejável de trabalho. Pioneira ao situar a cultura material no mesmo patamar de importância de outros temas historicamente privilegiados pela etnologia como parentesco, organização social, religião, Berta desvelou o aspecto artístico na cultura material, voltando-se para a antropologia da arte. No texto de apresentação de seu livro *Diário do Xingu*, Berta escreve:

A abordagem etnográfica, mais descritiva do que interpretativa, a ênfase na cultura material, que lembra a produção etnológica dos fins do século passado e início do presente, aflui em quase cada página. O que, no meu entender, não é um defeito. Primeiro porque retoma temas relegados e desacreditados nos estudos modernos de etnologia e torna o livro legível a iniciados ou não. (Ribeiro, 1979, p. 12-13)

Tratou a arte indígena e o fazer de peças como importantes lócus de expressão das relações de alteridade, rompendo com a noção de arte indígena ancorada na tríade cerâmica, trançado, fiação e tecelagem. Escreveu diversos artigos sobre o tema, a exemplo de “O artesanato indígena como bem comerciável” (1977) e “Artesanato Indígena: Para que, para quem?” (1985), em que discute uma questão sensível que era o tratamento e a comercialização de peças indígenas pela Fundação Nacional do Índio por intermédio de lojas Artíndia.

Difícil observar o trabalho de Glicéria Tupinambá, de Jaider Esbell, de Denilson Baniwa, de Daiara Tukano, artistas que vêm tendo suas obras expostas em bienais e outros espaços internacionais dedicados às artes, e não pensar nas reflexões de Berta sobre o tema.

Empenhou-se na promoção e publicação de estudos museológicos porque acreditava que estes permitiam apoiar a causa indígena e porque encarava os museus

enquanto um meio de educação pública. Foram várias as coleções por ela organizadas em instituições nacionais e estrangeiras. Sua atuação firme para a construção do Memorial do Povos Indígenas, em Brasília, é um exemplo desse comprometimento. Berta doou para o Memorial uma coleção composta por 380 peças, resultado de mais de 40 anos de pesquisas realizadas por Darcy Ribeiro, Berta e Eduardo Galvão.

Na obra de referência o *Dicionário do artesanato indígena brasileiro* (1988), em que se encontram classificados mais de 1.400 objetos da cultura material segundo a técnica, a matéria prima, a forma, Berta faz um esforço de normatizar a nomenclatura dada aos objetos, que em cada instituição recebiam nomes distintos, dificultando a recuperação de informações. Em *Arte Indígena, Linguagem Visual*, publicado em 1989, Berta analisa casos concretos que permitem abordar conteúdos e significados das manifestações estéticas dos indígenas brasileiros e seu papel como marca de um movimento de resistência étnica.

Cruzando as referências e artefatos de acordo com o grupo étnico, ecossistema, categoria artesanal, as coleções tornam-se objeto de pesquisas contextuais, tipológicas, referenciais e simbólico-estéticas. Trabalhando com padrões gráficos Berta demonstra como os grafismos encontram ressonâncias significativas na sócio-cosmologia. A abordagem inovadora reside em buscar o significado dos padrões nos rituais, na mitologia e na atividade guerreira, realçando as homologias existentes entre certos padrões e seres sobrenaturais, inimigos de guerra, animais e personagens rituais. Segundo Berta, os desenhos em cestarias são variações formais dos seres humanos, não humanos, animais presentificados em determinados contextos. Dessa forma, o artefato ajuda a compreender a sociedade e a cultura como um todo, ou um determinado momento do *continuum* cultural.

Para sua tese de doutorado, *A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil* (Ribeiro, 1980), defendida em 1980 na Universidade de São Paulo, Berta pesquisou a cultura material dos Yawalapiti, Txikão e Kayabi, no Parque do Xingu, dos Desana nos rios Negro e Içana, no norte do Amazonas. A tese foi considerada uma das mais completas sobre arte indígena alto-xinguana e alto-rionegrina, abordando aspectos tecnológicos, produtivos e estéticos e lançando luz sobre o sistema de trocas existentes nessas regiões.

Os Desana, povo da região do rio Negro, no Amazonas, desempenharam um papel de destaque na trajetória de Berta e uma parceria muito produtiva. Resultado de pesquisa de campo realizada em 1978, 1985-1986 e 1990-1991, com eles, Berta escreveu *Chuvás e*

Constelações: calendário econômico dos indígenas Desâna, *Etno-ictiologia Desana*⁴ e organizou um dos primeiros livros de autoria indígena do Brasil, *Antes o mundo não existia*, no qual são narrados por Umúsin Panlôn Kumu (Firmiano Arantes Lana) e seu filho Tolamãn Kênhíri (Luiz Gomes Lana) os mitos da história da criação do mundo sob a gênese do povo Desana. Graças a esse trabalho pioneiro, Berta inaugurou o que o professor André Demarchi chama de uma “antropologia compartilhada”, ao reconhecer e dividir a autoria de trabalhos acadêmicos, somente possíveis graças à escuta e à valorização do conhecimento tradicional desses povos. Berta introduz o livro (KUMU; KENHÍRI, 1980, p. 9) afirmando:

Na história da antropologia brasileira, esta é a primeira vez que protagonistas indígenas escrevem e assinam sua mitologia. Tolamãn Kenhíri, índio Desâna do clã de mesmo nome, e seu pai, Umúsin Panlôn Kumu, de 33 e 53 anos de idade, respectivamente, decidiram fazê-lo para deixar a seus descendentes o legado mítico de sua tribo, convictos de que, de outra forma, se perderia ou seria deturpado.

Essa preocupação com a divulgação e o compartilhamento do conhecimento acompanhou sua trajetória profissional e pessoal. O livro *Diário do Xingu* (1979) registra sua experiência no trabalho de campo entre os povos Asurini e Araweté, realizado em 1977, procurando devolver a outros pesquisadores as lições oferecidas a ela. Esse compromisso também levou Berta a produzir alguns livros voltados para um público amplo: *O índio na história do Brasil* (1983) e *O índio na cultura brasileira* (1987). Nessas duas obras, o indígena brasileiro deixa de ser mero objeto ou resíduo arqueológico da história, um ser pretérito, para adquirir uma dimensão no processo de construção da sociedade brasileira. Não à toa, a autora dedica o primeiro livro “aos índios, protagonistas desta história”.

Além de observar estas relações e de identificar legados indígenas à cultura brasileira presentes, por exemplo, nas plantas cultivadas, Berta também observava a crescente importância que a biodiversidade, o meio ambiente, a luta pela terra e a preservação da Amazônia vinham tomando na pauta política e entre o chamado “grande público”. Em seu artigo “Ao vencedor, as batatas!”, Berta escreve:

A interação harmônica entre flora, fauna e o próprio homem, que presidiu o cultivo e a proteção genética de inúmeros vegetais, explica a preservação de uma diversidade biológica quase intacta nas regiões habitadas pelos remanescentes indígenas. Essa biodiversidade é um dos

⁴ Esse artigo encontra-se em Ribeiro, B.G. *Os índios das águas pretas*. São Paulo: Companhia das Letras/Edusp, 1995. P. 182-202.

tesouros patrimoniais mais importantes da humanidade, e cabe à atual geração preservá-la e estudá-la, evitando sua completa erradicação. (Ribeiro, 1993, p. 114)

Seu conhecimento sobre a região Norte, os povos, os saberes, as vicissitudes e as potencialidades foi reunido no livro *Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia* (1990), Prêmio Nacional de Ecologia de 1989, que serviu de roteiro para a exposição de mesmo nome montada em Brasília, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e no Pará. No Rio, a exposição foi exibida na íntegra no metrô do Largo da Carioca, numa proposta de levar ao volumoso público que transita por aquele local diariamente questões fundamentais para a sobrevivência do planeta. Questões essas cada vez mais atuais e prementes. O livro e a exposição eram a expressão de um conhecimento acumulado, produzido nas pesquisas de campo, e uma denúncia dos rumos e riscos que a região amazônica enveredava.

Seu engajamento se expressou, portanto, não só na sua atuação acadêmica como também na presença em entidades da sociedade civil organizada. Participou, Com Darcy Ribeiro, da criação da Associação Brasileira de Antropologia na década de 1950. Ao retornar do exílio, compôs, juntamente com Beatriz Bandeira, Branca Moreira Alves e tantas outras mulheres de ponta no cenário político, o Movimento Feminino pela Anistia. Ainda na década de 1970, se engajou na Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas, assessorou, junto com outros antropólogos e linguistas, o Instituto de Estudos Sócio-Econômicos (Inesc), o Movimento de Apoio e Resistência Waimiri Atoari (Marewa) e a Fundação Mata Virgem da qual era membra fundadora.

Como relatora Berta participou, em 1982, da comissão “A questão da terra: latifúndios, posseiros e índios” do 1º Simpósio Internacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (1º SIDD), organizado pela Campanha Nacional de Defesa pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA). O documento recomendava entre tantas outras advertências relativas ao problema do indígena na Amazônia, “que os índios sejam previamente consultados e que haja ampla discussão pública sobre o impacto e os efeitos da construção de estradas e hidrelétricas”, além do repúdio aos “indicadores de indianidade” e “apuração das responsabilidades e punição exemplar dos crimes cometidos contra os índios.”⁵

⁵ Ver Campanha Nacional de Defesa pelo Desenvolvimento da Amazônia - CNDDA. I Simpósio Internacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia - I SIDD - Dossiê. Arquivo Nacional, Fundo Serviço Nacional de Informações/SNI. [BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_82006009_d0001de0001.pdf](https://br.fanbsb.v8.mic.gnc.ccc.82006009.d0001de0001.pdf).

Em 1992, no seminário “A questão da terra na Amazônia” realizado no Clube de Engenharia, no Rio de Janeiro, Berta ressaltou “a importância de se conhecer e preservar a cultura indígena, principalmente seu conhecimento no uso da terra para plantação”. Para ela, por mais que se pense que as técnicas indígenas sejam primárias, em relação ao uso da terra, elas demonstram organização, harmonia com o ecossistema e, resguardando as proporções, são mais produtivas.

Em paralelo a seu ofício de antropóloga, atuando em Universidades e Centros de pesquisa no Brasil e no exterior, cabe ressaltar sua prática como militante da divulgação científica quando essa atividade ainda não tinha esse reconhecimento. A aproximação do público amplo com a produção de conhecimento, alma da divulgação científica, se faz de diversas formas como vídeos, textos, intervenções, exposições. E Berta se utilizou de todos esses recursos. Durante anos, foi uma assídua colaboradora de revistas de grande circulação como a revista *Ciência Hoje* e a *Ciência Hoje das Crianças*, ou a *National Geographic*.

Sua produção audiovisual também é importante. Em 1981, Berta visitou as aldeias dos povos Asuriní e Araweté e, junto com o médico e fotógrafo Frederico Ribeiro, realizou quatro documentários, *Asuriní: fuso e fio*, *Asuriní: barro e corpo*, *Araweté: técnicas primitivas e Araweté: a índia vestida*, como parte do projeto “Artes têxteis indígenas do Brasil”. De sua longa pesquisa de campo no rio Negro, redigiu um roteiro para um longa-metragem com foco nas tecnologias de subsistência ainda vivas e operantes em toda a área, culminando com a realidade presente: a perspectiva de prosperidade face à descoberta de ouro, mas também de grande tensões e conflitos. O objetivo maior desse filme-documentário seria apressar a demarcação das terras que os grupos do alto rio Negro ocupam milenarmente e, dessa forma, preservar sua autonomia e o patrimônio do saber ecológico e defender o ecossistema de uma vasta área ameaçada de depredação. O projeto, iniciado em 1994, previa uma trilogia chamada *Mito e Morte no Amazonas*, baseada em mitos da etnia Desana representados por desenhos de Feliciano Lana. O curta-metragem de animação *Gain Pañan e a origem da pupunheira*, realizado a partir dos desenhos de Feliciano Lana, primo de Tolamã e parte desse projeto, é considerado a primeira produção em animação de caráter essencialmente etnográfico realizada no Brasil.

As exposições concebidas por Berta sempre procuravam transmitir informações técnicas resultantes de uma atividade de pesquisa e também uma interlocução com o público visitante utilizando uma linguagem acessível. Suas propostas para museus etnográficos trazia uma concepção renovada em termos da formação das coleções, formas de expô-las. Para Berta, “Um museu não é um arquivo morto, uma atividade perdulária,

como é geralmente considerado, e sim uma instituição com objetivos didáticos, científicos e político-polêmicos; ao mesmo tempo que uma área de lazer e reflexão.”⁶

Mesmo sua produção de natureza mais acadêmica tinha por objetivo a democratização do conhecimento ao colocar à disposição ferramentas para pesquisas diversas.

Berta Gleizer Ribeiro foi uma pesquisadora perspicaz na observação e sagaz nos detalhes, sem perder a dimensão do todo, registrando minúcias em imagens, desenhos, relatos. Uma antropóloga cujas análises imbricam arte, cestaria e plumagem, plantas, pessoas e teorias, redigindo, em sua máquina de escrever, os artigos, os livros e as cartas dirigidas aos amigos e às instituições com as quais manteve profícua parceria. Por esse trabalho constante e comprometido Berta recebeu várias homenagens: o prêmio “Erico Vanucci Mendes” (1988), oferecido pela Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência (SBPC), que reconheceu sua dedicação à preservação das culturas de minorias no Brasil, e a medalha de Comendadora da Ordem do Mérito Científico, conferida a ela em 1995 pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.

A vida pessoal e profissional de Berta esteve, assim, empenhada na construção de uma sociedade justa e solidária que respeita e valoriza a diversidade étnica e cultural, garantindo a vida e a liberdade a todos na sua integralidade.

E sua identidade múltipla acompanhava seus interesses e se revelava em seu trabalho: romena de nascimento, brasileira por naturalização, mineira de coração, Desana por pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Haydée Ribeiro; MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa (orgs.). (2022). Correspondência reunida: Herbert Baldus, Berta e Darcy Ribeiro (1948-1963). Belo Horizonte: Gaia Cultural.

COELHO, Haydée Ribeiro; ROCCA, Pablo (orgs.). (2015). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. São Paulo: Global.

CORRÊA, Mariza. (1995). A natureza imaginária do gênero na história da antropologia. *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, n. 5, p. 114. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1776>. Acesso em: 29 abr. 2025.

⁶ Subsídios para o anteprojeto do Museu da Educação – INEP/MEC, 28/05/1989. p. 9.

- DEMARCHI, André. (2018). Berta Ribeiro, antropóloga do futuro. In: DEMARCHI, A.; BRICE, M.; CLETO, M. de Souza (Orgs.). *Prêmio Escritas Sociais: diversidades culturais. Textos premiados*. Porto Nacional: Ed. Da Galera, p. 9-12. Disponível em: https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/BVmxwW_FT9u64f9uMVmsVg/content/Livreto%20II%20Pr%C3%AAmio%20Escritas%20Sociais%20%202017. Acesso em: 29 abr. 2025.
- KUMU, Umúsin Panlón; KENHÍRI, Tolamã. (1980). *Antes o mundo não existia*. São Paulo: Livraria Cultura Editora.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1977). O artesanato indígena como bem comerciável. *Ensaios de Opinião*, v. 5, p. 68-77. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aribeiro-1977-artisanato/Ribeiro_1977_OArtesanatoIndigenaComoBemComerciavel.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1979). *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1980). A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1983). *O índio na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Global.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1985). Artesanato Indígena: Para que, para quem? In: *As Artes Visuais na Amazônia: reflexões sobre uma visualidade regional*. Belém: FUNARTE/SEMEC, p. 23-42. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto09/FO-CX-09-554-89.PDF>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1987). *O índio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Unibrade/Unesco.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1988). *Dicionário do Artesanato Indígena*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1989). *Arte Indígena, Linguagem Visual*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/Edusp.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1990). *Amazônia urgente: cinco séculos de história e ecologia*. Petrópolis: Editora Itatiaia.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1993). Ao vencedor, as batatas! *Carta': falas, reflexões, memórias / informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro*, n.º 9, p. 113-121. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aribeiro-1993-batatas/ribeiro_1993_batatas.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. (1995). *Os índios das águas pretas*. São Paulo: Companhia das Letras/Edusp.
- RIBEIRO, Berta Gleizer; KENHÍRI, Tolamã. (1987). Chuvas e Constelações: calendário econômico dos indígenas Desâna. *Ciência Hoje*, v. 36, p. 26-35.
- RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta Gleizer. (1957). *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

RIBEIRO, Darcy. (1996). *Diários Índios: os Urubu-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. (2022). *História sobre mulheres cientistas viajantes no Brasil em meados do século XX*. Santo André: Editora UFABC.

VOGAS, Ellen Cristine Monteiro. (2014). Berta Gleizer Ribeiro: da militância ao afeto, o percurso de uma antropóloga. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*, v. 2, n. 1, p. 122-136, jan./jun.

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Antropóloga, mestra em História, diretora técnica da Fundação Darcy Ribeiro.